

GEOGRAFIA E ARTE: ENCONTROS E ATRAVESSAMENTOS POÉTICOS

Geography and art: poetic encounters and crossings

Lúcia Helena Batista Gratão¹

RESUMO

Este artigo tem o caráter de narrativa: uma apreciação desde o lugar que me encontro, como geógrafa e membra do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural (GHUM) desde seu início. É uma forma de relato, mas também de consideração das discussões e das projeções “entre passado e futuro”, tendo em perspectiva a décima edição do Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia (SEGHUM), o qual avaliou os dez primeiros anos do grupo, projetando-se ao futuro. O foco está, particularmente, nas discussões da linha de pesquisa “Geografia e Arte”, tema de uma das mesas no evento e que se encontra aqui repercutida a partir da perspectiva de sua debatedora.

Palavrs-chave: Geografia Humanista. Imaginação. Linguagem. SEGHUM.

ABSTRACT

This paper has the nature of a narrative: an appreciation from the place I find myself, as a geographer and member of the Humanist and Cultural Geography Research Group (GHUM) since its foundation. It is a form of reporting, but also an apprehension of discussions and projections “between the past and the future” from the tenth edition of the National Seminar on Geography and Phenomenology (SEGHUM), which evaluated the group’s first ten years, and did projections for its future. The focus is, particularly, on the discussions of the “Geography and Art” line of research, theme of one of the discussion tables at the event, which is reflected here from the perspective of its debater.

Keywords: Humanist Geography. Imagination. Language. SEGHUM.

¹ Universidade Estadual de Londrina. aguasdelu@yahoo.com.br.
✉ Rua 70, n. 110, apto. 601, Jardim Goiás, Goiânia, GO. 74810-350.

Voar rumo ao Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia (SEGHUM) é sempre um forte ensejo pela abertura ao direito de sonhar e o entrelaçar de afetos. O Grupo-GHUM é uma composição de afetividade, respeito e cumplicidade. Não alçaria voo por outras razões ou por outros sentidos! Uma oportunidade de reencontro com os nossos sonhos! O reencontro é um desejo prazeroso e saboroso ao clima e ritmo da alegria. Com grande enlevo viajo para (re)ver, (re)viver e (con)viver a inquietude geográfica que ao longe me impulsiona! Alegria e entusiasmo! Isso é o que nos move, nos faz caminhar e (en)levar nossos sonhos! Que assim possamos alimentar e substanciar nossas vontades de potência poética no campo da Geografia Humanista Cultural!

Hoje, eu aqui após 10 anos, de volta do X SEGHUM sinto-me com a alma enlevada de entusiasmo e gratidão por mais um voo a Niterói. Mais um voo enquanto participante-membro do Grupo-GHUM – 10 anos! Um voo de ode a geografia humanista cultural!

Vi, contemplei, assisti a todas as atividades mostradas, apresentadas, expostas e manifestas em palco e, também, aquelas em movimento pelos corredores. Foram dias densos, intensos e de muita inquietude pelo desejo de conhecimento e saberes transcursados pela geografia humanista cultural. Desejo transfigurado em potência poética. Assim, tenho sempre viajado ao longo desses 10 anos de SEGHUM, como assim tenho me manifestado. Cada vez que lembro o evento, meu coração bate acelerado! Uma potência de força “poética” que parece escavar o fundo do (meu) ser! Será o encontro/reencontro com o Grupo e suas manifestações?! Escrever-ler-pensar-refletir falar-expressar-revelar o sonho! Ao tempo... de chegar...

Entre as projeções e traçados da programação pude contemplar e apreciar uma forte sintonia entre as Mesas e as Sessões Temáticas, o que tornaram ainda mais ricas as projeções e conexões de pesquisas.

Este artigo, em tom de celebração e rememoração, está orientado pela apreciação da Mesa 2 – “Geografia e Arte” – a qual participei na qualidade de debatedora. Enquanto representante da linha de pesquisa sentei a esta mesa com grande alegria e entusiasmo e pude sentir que os expositores também se apresentaram da mesma forma. Aos meus olhos atentos observei que suas exposições contemplaram com grande relevância a proposta da mesa em conexão e sintonia com o tema.

No entanto, a destinação para esta apreciação passa por um prelúdio que ocupa boa parte destas páginas. Este é o acompanhar, pelo caminho do rio, minha própria aproximação e participação no GHUM: pelos sonhos sonhados (e realizados!), pelos eventos, mesas, artigos e trabalhos. 10 anos de uma geografia guiada pela imaginação, pela força da imagem poética e pela fluidez das águas. 10 anos que me levaram até a mesa redonda em questão, em Niterói, para moderar o dueto composto pelos expositores que, como músicos, orquestraram aquele encontro.

Este texto é, portanto, um ode, uma rememoração, uma celebração, e um convite.

PRELÚDIO – O DIREITO DE SONHAR

Tive um sonho! Um sonho que me fez (en)levar ao SEGHUM. Sonho sonhado em uma noite embalada pelo devaneio. Sonho sonhado à luz noturna desperto à claridade do dia. Sonhos sonhados naqueles momentos acordados ao meio da noite, como que procurando orientações e buscando caminhos de um mundo sonhado e em sobressalto surge inspiração em estado de alma. E a chama da fenomenologia da alma se ascende e tornando-se luminosa, engrandece e acorda a alma do sonhador. Acordado se desperta: um sonho sonhado ao enlevo

do **devaneio**. Um sonho embalado pelo devaneio poético. E, ao se despertar se descobre encantado pelo mundo sonhado em devaneio.

Em projeção, revisitara uma página de Bachelard (1988a, p. 11):

O devaneio é um fenômeno espiritual demasiado natural – demasiado útil também para o equilíbrio psíquico – para que o tratemos como uma derivação do sonho, para que o incluamos, sem discussão, na ordem dos fenômenos oníricos. Em suma, é conveniente, para determinar a essência do devaneio, voltar ao próprio devaneio. E é precisamente pela fenomenologia que a distinção entre o sonho e o devaneio pode ser esclarecida, porque a intervenção possível da consciência no devaneio traz um sinal decisivo. Perguntou-se se havia realmente uma consciência do sonho. A estranheza de um sonho pode ser tal que nos parece que um outro sujeito vem sonhar em nós. “Um sonho me visitou”. Eis a fórmula que assinala a passividade dos grandes sonhos para nos convenceremos de que foram nossos.

Então, à meia luz (entre sonho e devaneio) arrebatada, pensei, e me perguntei estaria me deixando (en)levar pela louca projeção e sedução dos devaneios, que para os psicólogos, eles não passam de sonhos confusos, sem estrutura, sem história, sem enigmas. E eis-me que surge Bachelard (1988a, p. 10) aquietando minha alma desperta àquela luz antes ascendida com tanto ardor (amor), anunciando que “o devaneio é então um pouco de matéria noturna esquecida na claridade do dia”. E, num sobressalto, lembrei do que já dissera Bachelard (1988a, p. 12):

Uma elucidação propriamente fenomenológica do sonho noturno é, por isso, um problema difícil. Teríamos, sem dúvida, elementos para resolver esse problema se desenvolvêssemos melhor uma psicologia e, consecutivamente, uma fenomenologia do devaneio.

Em vez de buscar sonho no devaneio, buscaríamos devaneio no sonho.

Então pensei que para enveredar por esse campo é preciso mergulhar a fundo. Teria eu fôlego para tanto? E então despertei com esta frase:

Existem faixas de tranquilidade em meio aos pesadelos. [...] Ou seja, o sonhador, na noite do sono, reencontra os esplendores do dia. Então ele está consciente da beleza do mundo. A beleza do mundo sonhado lhe devolve, por um momento, a sua consciência.

E é assim que o devaneio ilustra um repouso do ser, que o devaneio ilustra um bem estar (BACHELARD, 1988a, p. 12).

Então, fui arrebatada do sonho e cai em devaneio pleno. Entrei em um estado de repouso e de um bem-estar, acalantada pelas palavras do filósofo em sonho.

O sonhador, na noite do sono, reencontra os esplendores do dia. Então ele está consciente da beleza do mundo. A beleza do mundo sonhado lhe devolve, por um momento, a sua consciência. [...] o sonhador e seu devaneio entram de corpo e alma na substância da felicidade (BACHELARD, 1988a, p. 12).

Envolta nesse estado de *anima* deixei-me entregar ao desejo de devanear.

É assim que o devaneio ilustra um repouso do ser, que o devaneio ilustra um bem-estar.

Assim, é todo um universo que contribui para a nossa felicidade quando o devaneio vem acentuar o nosso repouso. A quem deseja devanear bem, devemos dizer: comece por ser feliz. Então o devaneio percorre o seu verdadeiro destino: torna-se devaneio poético: tudo, por ele e nele, se torna belo. Se o sonhador tivesse “a técnica”, com o seu devaneio faria uma obra. E essa obra seria grandiosa, porquanto o mundo sonhado é automaticamente grandioso (BACHELARD, 1988a, p. 13).

Oh, grandioso mundo sonhado! Oh, grandioso mundo poético em profusão!

O devaneio poético nos dá o mundo dos mundos. O devaneio poético é um devaneio cósmico. [...] Os devaneios cósmicos afastam-nos dos devaneios de projetos. Colocam-nos num mundo, e não numa sociedade. Uma espécie de estabilidade, de tranquilidade, pertence ao devaneio cósmico. Ele nos ajuda a escapar ao tempo. É um **estado**. Penetremos no fundo de sua essência: é um estado de alma (BACHELARD, 1988a, p. 14, destaques no original).

Sonho por imagens

À *anima* pertence o devaneio que vive o presente das imagens felizes. [...] é no reino das imagens que, filósofo sonhador, vamos buscar os benefícios da *anima*.

Bachelard (1988a, p. 61)

Oh, grandioso mundo de imagens poéticas em explosão! Nesse arrebatamento recoloco o sentimento de encantamento poético que me envolve e reconheço a força poética que me consome. É quando entro em estado de alma. É quando desejo ser tomada pelo caminho da alma, que não me embarace nas objeções do espírito crítico, que não seja detida pela pesada mecânica dos recalques. “Como é simples reencontrar a própria alma no fundo do devaneio! O devaneio nos põe em estado de alma” (BACHELARD, 1988a, p. 15).

Lá vai o Menino... lá vai o rio... lá vai o menino e o rio...

Cantiga quase de roda

Na roda do mundo
lá vai o menino.

O mundo é tão grande
e os homens tão sós.

Mãos dadas aos homens,
lá vai o menino, na roda
da vida.

Os homens, embora
se façam fortes,
se façam grandes,
no fundo carecem
de aurora e de infância.

De pena, o menino
começa a cantar.
E às vezes inventa
seu canto de infância.

Lá vai o menino
Cantando cantigas que
façam a vida mais doce.

Cantigas que façam
os homens mais crianças.

O canto desse menino
talvez tenha sido em vão.
Mas ele fez o que pôde.

Fez sobretudo o que sempre
lhe mandava o coração.

(MELLO, 1965).

Pelo rio aqui vim... Pelo rio aqui cheguei... Pelo rio viajei... Pelo rio voei... Pelo rio conheci... Eduardo Marandola Jr. pelos espaços da Universidade Estadual de Londrina (UEL) como estudante de graduação em Geografia, enquanto cursava o doutorado na Universidade de São Paulo (USP)... Pelo rio conheci... Werther Holzer quando vim ao Rio de

Janeiro participar do Simpósio Nacional sobre Espaço e Cultura e a ele, mostrar/apresentar a minha tese... Pelo rio me reaproximei... de Livia de Oliveira que havia conhecido pelos corredores da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Rio Claro no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, enquanto frequentava o curso de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado). Foi quando conheci a obra de Yi-Fu Tuan (1980) "Topofilia" que ela acabara de traduzir. Nesse período tive o privilégio de, pela primeira vez, ouvir e assistir à sua palestra sobre "Percepção e Meio Ambiente" em um evento em Piracicaba.

Pelo rio cheguei ao SEGHUM...

Foi pelo rio que aqui cheguei... embalada pelas águas e sonhos e encontrei meu lugar na Geografia Humanista e Cultural, lugar escavado pelas margens da geografia fenomenológica descoberta em Eric Dardel (1952), originalmente em francês, sim, meu primeiro contato com Dardel foi em língua francesa. Preciosa obra, hoje, traduzida por Wether Holzer (DARDEL, 2011).

Pelo rio encontrei... a geografia de sonhos anunciada por Dardel (2011, p. 5). Rio escavado... pela fenomenologia da imaginação e que ao enlevo e à luz de Bachelard me encantei e me deixei enlevar pelo direito de sonhar!

Foi assim que o rio aqui me destinou... 10 anos atrás... de 21 a 24 de outubro de 2010. Ao voo da imaginação partindo de Londrina – terra do café – terra vermelha do norte do Paraná – lugar onde sonhei para aqui vir e me aportei entre montanha e mar contemplando a beleza da paisagem esculturada pelas águas da baía de Guanabara. Voo destinado para o "I Seminário Nacional sobre Geografia e Fenomenologia", em Niterói, de 21 a 24 de outubro de 2010, trazendo na bagagem o

precioso convite para participar da mesa "Águas e Rios – imagens e imaginário da natureza". Que enlevo! Que alegria!

Lá vai o Menino... Lá vai o rio... Lá vai o menino e o rio... Voando pelas asas da imaginação aportei-me no SEGHUM, e, com o seu corpo de perfil humanista cultural em construção e esculturação (re)colheu-me nas suas margens fenomenológicas. Margens por onde se podia caminhar por desvios... transvios... veios e vertentes fenomenológicas. Margens por onde se podia sonhar.

Lá vai o rio... Lá vai o menino e o rio... trazendo na bagagem sua poética (BACHELARD, 1988a) seus devaneios de água e sonhos (BACHELARD, 1989) e o seu direito de sonhar (BACHELARD, 1994) para embasar e embalar seus voos pelas asas da imaginação ao impulso do direito de sonhar em geografia (GRATÃO, 2002; 2010; 2011; 2016; 2018).

Pelo SEGHUM fui atraída e, por ele, fui abraçada num **espaço feliz** – um espaço que poderia chamar de **topofilia** e com as diferenças que as nuances poéticas comportam, um **espaço louvado** – e um **ser feliz**. Como "a imagem poética está sob o signo de um novo ser" (BACHELARD, 1988b, p. 13). "Esse novo ser é o homem feliz" (BACHELARD, 1988b, p. 13). Pelo SEGHUM fui enraizada como numa relação de geograficidade. "Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta que liga o homem à Terra, uma **geograficidade** (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino" (DARDEL, 2011, p. 1-2, destaques no original).

Foi pelas águas e sonhos à luz de Bachelard (GRATÃO, 2002) que me encantei pelo rio e por ele encontrei meu lugar – na Geografia Humanista e Cultural. Foi pelas águas e rios que me apresentei ao I SEGHUM aqui, diante do esplendor das águas da Baía de Guanabara. Que rio é esse que me encantou? Que rio é esse que me trouxe a

apresentar-me ao SEGNUM e expor minha fala em Niterói há 10 anos? Esse rio é o Rio Araguaia! Rio de múltiplas imagens e paisagens. Rio de sonhos.

Como encontrei esse rio? Quem me levou? Quem me seduziu e me fez viajar por esse rio foi o francês Gaston Bachelard com sua obra "A água e os sonhos" (BACHELARD, 1989). Com ele me encantei e segui, deixando-me enlevar à sua luz da imaginação. Com ele viajei, sonhei e escrevi as minhas sonhadas páginas de "A poética do Rio – ARAGUAIA! De cheias & vazantes à luz da imaginação" (GRATÃO, 2002). E aqui, agora, louvo as águas com o poeta Manoel de Barros (2015, p. 25):

Desde o começo do mundo água e chão se amam
e se entram amorosamente
e se fecunda.
Nascem peixes para habitar os rios.
E nascem pássaros para habitar árvores.
As águas são epifania da criação.
Agora eu penso nas águas do Pantanal.

E, aqui, agora eu penso nas águas do Araguaia, porque as águas deste rio são espraiadas para a alegria das garças e para dar vida-sangue aos Povos Karajá.

Quantas águas e sonhos. Quantos encontros poéticos. Quantas leituras imaginadas e sonhadas, lições de matéria e imaginação. Como as palavras de Bachelard (1989, p. 193-194),

gostaria de reunir todas as lições de lirismo que o rio nos dá. Essas lições, no fundo, têm uma grande unidade. São realmente as lições de um elemento fundamental. [...] a água é a senhora da linguagem fluida, da linguagem sem brusquidão, da linguagem contínua, continuada, da linguagem que abranda o ritmo, [...] Portanto, não hesitaremos em dar seu pleno sentido à expressão que fala da qualidade de uma poesia fluida e animada, de uma poesia que se escoia da fonte. [...] o verdadeiro campo para o

estudo da imaginação não é a pintura, mas a obra literária, a palavra, a frase. Então, como a forma representa poucas coisas! Como a matéria comanda! Que grande mestre o riacho.

"E é assim que o devaneio ilustra um repouso do ser, que o devaneio ilustra um bem-estar. O sonhador e seu devaneio entram de corpo e alma na substância da felicidade" (BACHELARD, 1988a, p. 12). É com o devaneio que se deve aprender a fenomenologia.

O devaneio cósmico é um

fenômeno da solidão, um fenômeno que tem sua raiz na alma do sonhador. [...] Os devaneios cósmicos afastam-nos dos devaneios dos projetos. Colocam-nos num mundo, e não numa sociedade. Uma espécie de estabilidade, de tranquilidade, pertence ao devaneio cósmico. Ele nos ajuda a escapar ao tempo. Dizíamos (num livro anterior), que a poesia nos proporciona documentos para uma **fenomenologia da alma**. É toda a alma que se entrega com o universo poético do poeta (BACHELARD, 1988a, p. 14, destaques no original).

Pelo rio me encantei pelas imagens poéticas. Como escreveu Bachelard (1988a, p. 15), "nossa ambição filosófica é grande: provar que o devaneio nos dá o mundo de uma alma, que uma imagem poética testemunha uma alma que descobre o seu mundo, o mundo onde ela gostaria de viver, onde ela é digna de viver".

Ao GHUM cheguei ao voo da imaginação poética – na bagagem a poética da geografia e a geopoética

Pelo rio cheguei ao GHUM com a proposta de trabalho "Da imaginação poética – a poética da geografia e a geopoética", e, então, contemplada pelos entremeios de suas três linhas de pesquisa:

“Epistemologia e metodologia da Geografia Humanista Cultural”, “Lugar, paisagem e experiência” e “Geografia e Arte”.

No GHUM fui recebida e abraçada, e, eu enlevada pelo entusiasmo, me entrego aos seus princípios e propósitos proporcionando-me a sonhar, projetando-me pelo campo do direito de sonhar!

Depois de muitas reflexões e inquietudes indagando-me sobre o desejo de contribuir para a ampliação das discussões em torno das suas linhas-matrizes de pesquisa. Confesso que não tem sido fácil recorrer às tantas leituras necessárias (e prazerosas) que ajudam a aprofundar a escavação fenomenológica que tanto nos tem seduzido. Desde lá tenho procurado me substanciar dedicando-me ao prazer da leitura para o aprofundamento de escavação, o que exige um grande fôlego de entusiasmo. Assim, fui seguindo o tempo e buscando caminhos de contribuição.

À clara luz da importância do exercício em fazer-se presença no grupo, então, me despertei e decidi que continuaria com Bachelard. Sim, continuaria a escavação fenomenológica de Bachelard e a sua poética no sentido de fundamentar a relação imagética que envolve a poética da geografia e a geopoética. Nesta direção, procurando compreender eu mesma na relação poética com a Terra. Esse imaginário da natureza que nos substancia e que nos enraíza, e, ao mesmo tempo, enleva nossa alma diante do maravilhamento do mundo. Como diz o filósofo:

Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imaginação emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade (BACHELARD, 1988b, p. 2).

E, então, como Bachelard que cada vez mais atraído pelo imaginário poético, abre-se para o estudo da imaginação, que passa a valorizar

como uma forma de apreensão e recriação da realidade. E, assim, em torno dessa questão, amplia para o sonho, o devaneio, sua relação com os elementos. Aí, o sentido e a força poética da imaginação material. E, ainda, a imaginação criadora, a essência do espírito humano, que de modo dinâmico o torna capaz de produzir tanto ciência quanto arte, ou seja, o pensamento e o sonho.

Assim segui em direção à “Poética da Geografia – em devaneio: sonho e devaneio”. Impulsionada e projetada por esse enlevo poético, lá vai o rio e o menino para Niterói em 2010 rumo ao I SEGHUM, levando na bagagem um pedaço de texto na forma de script – resumo – preparado à luz de Bachelard “O sonhador do mundo sonha a matéria ao devaneio cósmico – da experiência ao imaginado – águas-de-rio” (GRATÃO, 2010). Em 2011, rumo ao II SEGHUM levando “Tributo de Bachelard – encantação (poética) da terra” (GRATÃO, 2011). Em 2012, rumo ao III SEGHUM segue com a escavação da geopoética de Kenneth White “Geografia e Geopoética: contribuição de Kenneth White para a compreensão da poética e da estética do mundo” (GRATÃO, 2012). Em 2013, rumo ao IV SEGHUM segue com a mesma escavação “Caminhando com Kenneth White pelo campo da geografia em vista de uma poética do mundo” (GRATÃO, 2013).

Em 2015, lá vai o rio e o menino para Diamantina rumo ao VI SEGHUM. Uma nova destinação, embalado pela alegria de um novo papel a desempenhar em formato de Colóquio em torno do tema “O papel do geógrafo humanista”. Diante deste novo e sedutor papel, logo ousei o seu sentido lúdico no anúncio da minha fala: “O papel do geógrafo humanista – fazer arte” (GRATÃO, 2015). Sim! Fazer arte literalmente, como sugere a expressão e brinquei: O que é fazer arte? Arte de fazer! A arte de fazer arte! E em clima de entonação lúdica de composição da cena em *intermezzo* à luz do entardecer na Serra do Espinhaço, a fluida fonte de inspiração brota do Jequitinhonha – pura

arte – arte da letra, arte da dança, arte da música, arte do barro – Vale do Jequitinhonha – base material e existencial de ser-humano.

Se a contemplação da obra de arte quiser reencontrar os germes de sua criação, deve acolher as grandes escolhas cósmicas que marcam tão profundamente a imaginação humana. [...] Assim, os elementos, o fogo, a água, o ar e a terra, que durante tanto tempo serviram aos filósofos para pensar magnificamente o universo, permanecem princípios da criação artística (BACHELARD, 1994, p. 29-30).

Confesso que esse papel a mim dado aqui a desempenhar, se desvela e revela um verdadeiro direito de sonhar em geografia (GRATÃO, 2016). Sonhei!

Em 2016, lá vai o rio e o menino para Limeira rumo ao VII SEGNUM. A esta destinação leva em mãos “Carta aos amigos – confidências poéticas e revelações de um sonho”, destinada ao “Seminário de Trabalhos” com um anúncio de que não seria um texto para ser inscrito como trabalho completo, mas um apontamento de leitura. Uma abertura de proposta. Uma intenção de comunicação em torno das leituras feitas de Bachelard, no sentido de compartilhar o que tenho feito no decurso do tempo como membra do GHUM. Começa assim: “Tive um sonho! No dia seguinte retornando ao sonho e acreditando na possibilidade de confidências” (GRATÃO, 2016). E, assim, foi lida a carta em notas e tons de confidências.

Nesse fluxo do SEGNUM posso dizer que a linha de pesquisa “Geografia e Arte” tem sido uma das minhas participações mais importantes no Grupo, associada também aos sabores. Nesta linha sempre segui enlevada pelo entusiasmo e em pleno estado de *anima*. Com esse perfil revelo a alegria de participação em três mesas envolvendo a arte e o sabor em geografia, e, movida pela força pulsante da criação poética, faço aqui o relato do meu lugar **às mesas e a minha apreciação**.

“Sabor – paisagem e cultura”, no II SEGNUM, Niterói, 2011, entre Livia de Oliveira (UNESP-Rio Claro) e Maria Geralda de Almeida (UFG). Esta foi uma mesa muito especial e que muito apreciei pelo transcurso que ela fez e que se apresenta. Uma mesa pensada e criada a partir do pós-doc realizado com Livia de Oliveira, Unesp/SP. Lembrando que foi pelos transvios do GHUM que me (re)aproximei de Livia de Oliveira.

O nosso primeiro contato, depois de tê-la conhecido na Unesp de Rio Claro nos anos de 1980/1981, aconteceu em Londrina com a participação em dois eventos realizados na Universidade Estadual de Londrina em maio de 2003: na Aula Inaugural do Curso de Geografia do Ano Letivo de 2003, com o título “A Geografia Humanista: hoje e amanhã”; e a “Construção do Saber: Memórias com Livia de Oliveira”. “Estes eventos, além de ‘inaugurar’ o ano letivo, deram oportunidade para que conhecêssemos mais da história da Geografia no Brasil e de um importante campo de investigação da ciência que possui uma larga tradição e uma consolidação crescente em nosso país” (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003, p. 5). Um novo encontro aconteceu novamente em Londrina, na realização do SINPEC, em 2005 na UEL.

Depois destes especiais encontros de eventos, vieram o “Seminário Geografia e Literatura” realizado na UEL em 13 de agosto de 2010 e lançamento do livro “Geografia e Literatura” (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010) e o “Seminário Geografia, lugar e meio ambiente: contribuição de Yi-Fu Tuan” realizado na UEL em 01 de março de 2013 e lançamento da nova edição do livro “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores ambientais” (TUAN, 2012).

Ao longo desses encontros até a criação do GHUM em 2008, nascia entre nós uma relação mais próxima e muitas conversas e surgindo um “laço geográfico de afeto”. Certo dia fui surpreendida pela chegada de uma carta (escrita à mão) com um carinhoso aceite para a realização do pós-doc. Já em preparação para aposentadoria me perguntei: E

agora? Um pouco incerta e perplexa, mas, não hesitei! Lembrei-me que quando estive na UEL a primeira vez, na sua entrevista disse: “é preciso ousar; é preciso ter ousadia” e com esse impulso, tão logo lá fui eu, embalada pelo forte desafio-ousadia – fazer o pós-doutorado com Lívia de Oliveira – já nesta fase da vida sabendo da sua capacidade, do seu vigor, mas, também, da sua rigidez acadêmica. Que desafio-ousadia a esta altura da minha carreira/trajetória acadêmica e de vida. Então, mais uma viagem! Mais uma (a)ventura, lá vai o rio... lá vai o rio e o menino... sem licença e sem bolsa (en)cantado com mais um sonho!

Na roda do mundo,
lá vai o menino.

Lá vai o menino,
na roda da vida.

Às vezes inventa
seu canto de infância.

Cantando cantigas que
façam a vida mais doce.

O canto desse menino
talvez tenha sido em vão.
Mas ele fez o que pôde.

Fez sobretudo o que sempre
lhe mandava o coração.

(MELLO, 1965)

Lá vai o rio... lá vai o rio e o menino... em busca do sabor da geografia. Lá cheguei levando nas mãos/em mãos, impresso o projeto de pesquisa com o título “Sabor do Cerrado – Pequi Goiano”. Era começo de

fevereiro de 2011. “Todas as destinações se tornam possíveis – questão de tempo. Nesse campo dos possíveis, como escolher um lugar? O que escolher? A que renunciar? E por quais razões? Nas combinações pensáveis, qual preferir, e por quê?” (ONFRAY, 2009, p. 20).

Um grande enlevo, embalado, envelopado e encadernado com muitas páginas escritas com notas de alegria e entusiasmo, quando apresentei ao Programa de Pós-graduação a proposta de atividade um seminário sobre o sabor em geografia. E, em um só ato foi apreciado e, ao mesmo enlevo apresentei ao GHUM e sugerindo a promoção do evento e, mais uma vez fui acolhida na projeção dos meus sonhos. Lá vai o rio... lá o rio e o menino... em **cantiga quase de roda...**

Ao impulso do coração junto ao GHUM foi realizado o seminário em Rio Claro, em 08 de junho de 2011 com o tema “Sabores Geográficos: cultura – imaginário – paisagem”. A este vislumbre foi apresentada a primeira mesa de sabor em geografia com o título “Cultura, experiência e imaginação no estudo do sabor pela geografia” composta de um lado, por Lúcia Helena Batista Gratão (UEL) com o tema “Sabor e paisagem à luz de Bachelard” e de outro lado, por Eduardo Marandola Jr. (NEPO/Unicamp) com o tema “Sabor enquanto experiência geográfica”. Puro deleite! Pós-doutorado com Lívia de Oliveira e o Seminário Sabores Geográficos. Sonho sonhado!

Assim começam a brotar novas ramificações de sabor no campo da geografia passando a se (ex)por em diferentes espaços, entre eles, o GT – “Espaço e cultura”, realizado durante o “IX Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia” – ENANPEGE – de 08 a 12 de Outubro de 2011, em Goiânia/GO, como tema “Sabor e paisagem – o que revela o pequi nesta imbricação de ser e essência cultural”, publicado; a Conferência de Abertura no II Seminário Sabores Geográficos, 23 de agosto de 2013, em Rio Claro/SP, como tema “Sabor do Cerrado – Pequi Goiano”, publicado na revista Geograficidade, Outono 2014,

Número Especial – Sabores Geográficos (GRATÃO, 2014); a publicação na revista Geograficidade como tema “Sabor & Paisagem à Luz de Bachelard: convite para sentar-se à mesa”, Verão 2012 (GRATÃO, 2012).

E preciso realçar (dar realce) nessa mistura de sabores, ingredientes, temperos e aromas que as primeiras “investidas degustativas/apreciações degustativas” por este saboroso campo geográfico se deram por uma laboriosa investigação – diria, uma profunda escavação de sabor – em torno de três notas/nuances de apreciação – numa só composição – sabor da, na e para Geografia.

[...] o sabor da geografia, enquanto componente essencial da experiência geográfica, o sabor na geografia, contextualizando a preocupação com o tema nos estudos humanistas e culturais, e o sabor para a geografia, projetando as potencialidades do estudo do sabor para o pensamento geográfico (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2011, p. 61).

Por entre viagens, de mesa em mesa, com todo prazer e gosto, estendendo e ampliando a arte e o paladar ao sabor desta projeção, sigo com toda potência poética a vislumbrar um novo tema no meu fazer geografia em transvio – uma geografia transviada – pela linha de pesquisa Geografia e Arte. Um transviar de sentidos e sentimentos para fazer arte! Como já disse: o papel do geógrafo humanista – fazer arte! Sim fazer arte!

Se pelo rio cheguei ao GHUM... apresentando a proposta de trabalho “Da imaginação poética – a poética da geografia e a geopoética”, e, então, contemplada pelos entremeios de suas três linhas de pesquisa: “Epistemologia e metodologia da Geografia Humanista Cultural”, “Lugar, paisagem e experiência” e “Geografia e Arte”, então, vislumbro e reconheço meu lugar e meu fazer geografia em transvio pela poética linha de pesquisa Geografia e Arte.

E, nesse transviar deslumbro um atravessamento poético singular na participação em duas mesas do SEGHUM: a primeira “Poéticas urbanas e suas geograficidades”, ocupando o lugar de coordenação do III SEGHUM, Niterói, 2012, entre Antonio Carlos Queiroz do Ó Filho (UFES) e Jorge Crichyno (UFF); a segunda “Uma geografia afetiva: literatura e sabores geográficos”, no lugar de expositora ao lado de Tiago Vieira Cavalcante (UFC) com coordenação de Valéria Aguiar (UFJF) VIII SEGHUM, Rio Claro, São Paulo, 2017.

Em torno desses lugares de assentos, falas, intervenções e indagações permito-me um breve comentário dirigido à segunda mesa, considerando o ritual cerimonial e o ato em cena – encenação.

Ao enlevo da poética geográfica quero aqui dizer da minha alegria e gratidão em participar da “Cerimônia de Abertura em Homenagem à Lívia de Oliveira”. Nesse momento cerimonial deixei-me enlevar pela ousadia do encantamento de preparação da “Encenação poética e musical” com inspiração em Cora Coralina. Ousadia confessa pelo ato de criação ao qual se fez acontecer pela abertura que o GHUM sempre me proporcionou desde os primeiros voos projetados à luz da imaginação poética (GRATÃO, 2002) e o direito de sonhar em geografia (GRATÃO, 2016).

Assim, imagino que por esses voos e sonhos é que hoje, aqui estou a esta mesa “Geografia e Arte” composta como linha de pesquisa. Uma linha de pesquisa traçada e grafada aos traços da poética – geografia poética/poética da geografia. Foi assim que foi projetada no início de criação do Grupo-GHUM em 2010, inspirada aos traços e grafia do meu doutoramento em busca de “A poética d’O Rio Araguaia - (à) luz da imaginação!”, iniciado em 1997 e concluído em 2002 (GRATÃO, 2002). O maravilhamento, encantamento e envolvimento da fenomenologia no campo da geografia humanista acabou despertando interesse daqueles que se deixaram tocar pelo olhar fenomenológico no interior

da geografia. Foi assim que ao longo de 2005, à luz de deslumbramento das imagens poéticas surge o despertar para o humanismo em geografia.

No mesmo ano de 2005 foi realizado em Londrina o Simpósio Nacional sobre Percepção e Cognição do Meio Ambiente (SINPEC) e, a partir desse evento, a nossa fonte de inspiração poética se amplia e se projeta. A esse enlevo de deslumbramento projetado pelo SINPEC foi criado na UEL o “Grupo de Estudos sobre Geografia e Humanismo”, em 18 de maio de 2006. Daí é projetada a geografia humanista na pesquisa e no ensino de Geografia na UEL. O grupo fez brotar na UEL esta vertente da geografia fazendo surgir os “Encontros de Estudos sobre Geografia e Humanismo”, realizados entre os grupos de estudo da UEL e da Unicamp, anualmente, entre 2006 e 2009, alternadamente em Londrina e em Campinas.

Foi assim que tudo começou...

É um começo. Ora, **começar** é o insigne privilégio da vontade.
Quem nos oferece a ciência dos começos, nos faz doação de
uma vontade pura.

Bachelard (1994, p. 58)

É por este começo que tomei o voo da poética da geografia em destinação ao belo cenário da Baía de Guanabara no palco da UFF para a décima edição do SEGHUM, para então, atuar, encenar e contracenar – em ato solene – a mesa de composição poética “Geografia e Arte”. Grande alegria sentar-me a esta mesa. Uma mesa de sonhos na qual me sento e me sinto como num ato celebrativo – uma homenagem – uma Ode a Geografia Humanista e Cultural!

GEOGRAFIA E ARTE – DUETO POÉTICO

Assim vislumbrei esta mesa de diálogo – um dueto – enquanto composição para dois executores. Composição para dois executores geógrafos. Aqui, a esta mesa uma peça feita para dois geógrafos a encenarem juntos num mesmo palco com um mesmo tema: Geografia e Arte – uma encenação com dois geógrafos – “fala de duas vozes” – “escrita a quatro mãos” – “um dueto de geografia humanista cultural”.

Um dueto formado por professores vindos de lugares diferentes – de geografias diferentes – com linguagens diferentes? – trazendo na bagagem suas composições geográficas. E se compor à geografia. Num só palco, imagens, cores, notas e tons encenando a arte da geografia – geografia da arte? A arte de fazer arte em geografia? A arte de sonhar em geografia?

Composições para duas vozes ou dois instrumentos. Um meato. Conversação entre dois professores-pesquisadores que vêm ao X SEGHUM para fazer as suas apresentações vocais compostas num só tema – geografia e arte.

Não posso imaginar neste dueto a arte enquanto recurso didático-pedagógico. Não espero ver também uma composição tão somente numa relação de disciplinaridade e/ou transdisciplinaridade. A arte enquanto caminho para fazer geografia.

Uma questão metodológica? Uma questão de método? Uma questão de linguagem? Que linguagens? Literatura, pintura, música, dança, teatro? A arte como estética – ética?

O que terão os compositores a dizer sobre esse encontro – Geografia e Arte. Será um encontro poético?

A arte mais que o objeto final da obra, é o processo de transformação – é o poder de transformação – é o que se faz possível fazer. A arte – um ato visceral de criação.

A arte é o que se faz possível fazer! O que faz ela (a arte) possível fazer na geografia. Gostaria de ouvir estas notas do dueto.

O que torna geografia e arte? Uma obra de arte? Que arte?

Vislumbro a esta mesa uma composição de descobertas – um vir-a-ser. É o que deslumbro “entre passado e futuro – encontros e atravessamentos poéticos”.

Queria de mim, uma fala de silêncio, uma fala de solidão – com o outro. O meu enlevo é que minha fala seja para o Universo. Que seja da Natureza e para a Natureza. Que seja um diálogo com o Belo! Com o Estético e Ético! Assim confesso: o olhar fenomenológico no (inter)vir da geografia humanista é o grande encontro para compreender o ser humano – compreender o humano do ser humano. O ato da criação. Esse é o sentido da arte. Do real ao irreal.

A MESA E SUAS REVERBERAÇÕES

Após o “Prelúdio”, o professor Alessandro Dozena, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), falou como convidado do GHUM, trazendo à mesa o tema “Horizontes geográfico-artísticos entre passado e futuro”². Considerei o tema de grande relevância no contexto temático da mesa e foi abordado com grande empenho e desempenho de investigação com forte impulso teórico e conceitual. No final da exposição levantou algumas questões relevantes em torno das **cartografias poéticas** e de uma **geografia artística** bem como a proposição de uma **geografia da arte**, fazendo declaradamente o “convite a sermos geógrafos das artes”. E, assim, fez ressoar na plateia: uma geografia da arte? O geográfico na arte? A dimensão artística na geografia?

Em seguida falou Valéria Amorim do Carmo, membro do GHUM e professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), à luz do

² Publicado neste número especial.

tema “Geografia e (com) arte: entre passado e presente”. A sua fala seguiu por uma verdadeira escavação arqueológica do GHUM. Assim se declarou: “ao preparar minha apresentação fiz uma verdadeira arqueologia” (aquilo que quis fazer), fazendo referência à linha de pesquisa Geografia e Arte e, no final nos apresenta e nos revela as múltiplas manifestações (assim se expressa) da linha de pesquisa. E, então declara que encontrou as diferentes “manifestações artísticas”: geopoética, literatura, música, fotografia, arte-corpo, cinema. Então, entendi sua fala como um “trabalho de arqueologia” escavado na produção da linha de pesquisa Geografia e Arte.

Enquanto debatedora pude extrair da fala de Carmo fragmentos relevantes: “A arte é uma ponte; duas margens de um rio; o rio une geografia e arte”. E me perguntei: Como ficaria então, a proposição temática: **geografia e (com) arte?** (A)notei ainda que a expositora não usa na sua fala **linguagens artísticas** mas **manifestações artísticas**. Uma questão para pensarmos. Na plateia, a sua fala ressoou animada: É preciso pensar os espaços de expressão e manifestação artística nas salas de aula e nos espaços públicos. É preciso ir além dos espaços acadêmicos para então, ocupar os espaços de “movimentos artísticos”. Como ressoariam tais questões no aprofundamento desta **arqueologia geográfica?**

E aqui lembro das questões que anunciara na minha fala para o debate:

1. Como as vozes deste dueto se circunscrevem na fenomenologia?
 - Uma fenomenologia da imaginação?
 - Uma fenomenologia da alma?
 - Uma geografia da imaginação?
 - Uma geografia da alma?

2. Que linguagens se pautam para entoar o dueto geografia e arte?
3. Por qual dimensão se expressam?
 - Dimensão do real?
 - Dimensão do irreal?
 - Dimensão cósmica?
4. O que é arte?
 - Manifestação?
 - Linguagem?
5. Que linguagem?
 - Linguagem da imaginação?
 - Linguagem da criação?
 - Linguagem do brincar?
 - Linguagem da criança?

No papel de debatedora, confesso que quebrei o protocolo, o que fiz com clareza de postura no sentido de contextualizar o lugar a que fui destinada a ocupar e, para isso, senti vontade e necessidade de narrar o meu caminho de partida e de chegada ao GHUM e como fui recolhida e acolhida em solo da geografia humanista cultural. O propósito? Anunciar aos novos chegantes-membros o lugar e o clima que os recebe e como serão acolhidos no interior do grupo a partir dos caminhos que fazemos até a esta destinação.

Aos meus olhos atentos às palavras, sons, tons e expressões geográficas declaro que a exposição em torno da mesa atendeu com muito esmero aos princípios de proposição e conexão temática e, os expositores-compositores cumpriram com elegância o tempo a eles destinado. Uma mesa muito bem (com)posta ao atender o convite

e ao apresentar os preciosos saberes geográficos vindos de duas vertentes – Geografia e Arte – que se encontram e se convergem em uma só fluência-(con)fluência. Como o rio, convergência de duas margens, um só rio – uma só água. Dois (a)braços, um só corpo de atravessamento poético – Geografia e Arte. Arte de um fazer (com arte) aos traços e grafia da geografia. Foi assim que em torno desta mesa à luz da “estética musical”, assisti a um belo dueto poético em perfeita harmonia orquestral!

E, finalmente, como pesquisadora entusiasta e sonhadora desta linha de pesquisa – Geografia e Arte – e, aqui, com assento à mesa vejo e testemunho uma forte repercussão. Ao contemplar o movimento da plateia, o dinamismo e as intervenções, quase era possível ouvir e assistir “encenações artísticas” no anfiteatro (mesmo que por entre cadeiras fixas), o que revela a cumplicidade de ressonância e sintonia por parte dos que ali se encontravam enlevados-embalados pelo fazer arte. O que mostra que as palavras-notas entoadas em torno da mesa tocaram os sentidos e os sentimentos – o coração e a alma – essências de uma fenomenologia da alma? Uma geografia da alma? Questões que anunciara na minha fala para o debate: Como as vozes deste dueto se circunscrevem na fenomenologia? E, assim, posso agora sem quebrar o protocolo, declarar: A Mesa “Geografia e Arte” se despede entoada por notas e tons de ressonância repercutindo o sentido e o lugar da dimensão da arte – dimensão de criação – no corpo da Geografia.

EM VIAS DE APONTAMENTO PARA O FUTURO... PROJEÇÃO PARA O FUTURO

E para o futuro, o que se há a deslumbrar aos olhos dos novos horizontes vislumbrados e projetados no X SEGNUM? Muitos ecos entoados e ressoados ao longo dos dias e impulsionados pelo vigor

e estímulo que a geografia humanista cultural tem provocado e promovido, não só no interior do GHUM, mas por muitos cantos da geografia brasileira afirmando e reverberando a potência desse fazer geográfico.

Acredito que o mais forte impulso rumo ao futuro do GHUM é o seu vigor próprio que nos impregna, nos substancializa e nos arrebatava com todo o impulso do entusiasmo e a força-potência-vontade de estudo e pesquisa sem medo de se enveredar por horizontes desconhecidos e se embrenhar a descobrir e a desvendar o que há a contribuir nesta destinação geográfica. Esse ritmo de pulsação tenho visto e sentido muito fortemente nas andanças pelas perspectivas da geografia brasileira. Tenho acompanhado a presença e o movimento de deslocamento dos pesquisadores do GHUM pelo Brasil afora, nos mais diversos e instigantes temas atuais (contemporâneos). Temas potencialmente múltiplos e diversos à luz do amplo campo de extensão da fenomenologia e geografia. Gostoso de ver esses transcurso... transvios... desvios... andanças geográficas. Rastros do que vale fazer geografia humanista cultural e pelos seus caminhos projetá-la rumo ao futuro – qual destinação?

De encontro com Dardel (2011, p. 89):

A geografia, ao surpreender a realidade do mundo enquanto espacialidade e o espaço enquanto fisionomia da Terra, exprime uma inquietude fundamental do homem. Ela responde a um interesse existencial que extingue o intento de abordar o homem como objeto do conhecimento. Colocar-se de fora da Terra e do espaço concreto para conhecê-los do exterior, é esquecer que, por sua própria existência, o homem está comprometido como ser espacial e como ser terrestre. [...] É necessário, portanto, compreender a geografia [...] como o meio pelo qual o homem realiza sua existência, enquanto a Terra é **uma possibilidade essencial de seu destino.**

Esse encontro revela-nos que por sua própria existência, o homem está comprometido como ser espacial e como ser terrestre e, a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino. Revela-nos a cumplicidade do homem com a Terra. Diante destas revelações quero aqui marcar (em via de projeção) o lugar de projeção da Conferência de Encerramento de Livia de Oliveira (UNESP-Rio Claro) que traz como título “Portal da Terra: o espaço e o lugar”. Quanta honra! Em via de projeção o X SEGHUM se encerra com a palestra de Livia de Oliveira que abriu I SEGHUM, em 2010, aqui neste mesmo palco-cenário-solo da Baía de Guanabara. Neste ato solene Livia cerra as cortinas do X SEGHUM com um tema tão simbólico e tão próximo da cumplicidade de Dardel com a Terra, e em gesto de amor a geografia e a Terra – “Portal da Terra: o espaço e o lugar”.

Só mesmo a grande Mestre para encerrar com tanto esmero este seminário de comemoração aos 10 anos do SEGHUM com tão belo tema! Um delicado convite que nos faz para nos entranharmos no maravilhoso universo da nossa **casa geográfica pelo portal da Terra** com todo o seu encantamento e afeto pela geografia que se fez e ensinou ao longo da sua vida e, que hoje, aos 92 anos com fala suave entoada por notas de profundo sentimento topofílico diante da Terra-Geografia nos instiga com sua inquietude geográfica: “Por que entrelaçar a Terra com espaço e lugar? Por que abordar o espaço como humanidade e o lugar como identidade? Por que situar ante ao portal da Terra? Talvez porque sempre me fascinaram estas palavras: Terra, espaço e lugar”³. Ah, Livia de Oliveira quanta sabedoria nas suas palavras! É assim que nos desperta, velhos e jovens para a beleza da Geografia e encantamento de Ser-Professora e, ainda, nos arrasta

³ Anotações da conferência de encerramento do X SEGHUM, cujo texto está publicado neste número especial.


para o envolvente espaço geográfico enraizado pelo sentimento de pertencimento à Terra-Geografia.

Ah, aos 92 anos e aqui a nos projetar ao “Portal da Terra: o espaço e o lugar” – projeção e destino ao futuro – 10 Anos entre Passado e Futuro! “O verdadeiro destino de um grande artista é um **destino de trabalho**. Em sua vida chega a hora em que o trabalho domina e conduz sua destinação” (BACHELARD, 1994, p. 31, destaques no original).

Com esse enlevo, entre passado e futuro, 10 anos viajados e permeados por solos de superfície e solos de profundas escavações filosóficas e epistemológicas, encerro como apontamento rumo ao futuro, com o impulso de Livia de Oliveira diante dos tipos de trabalhos desenvolvidos no campo da Geografia Humanista, entusiasmada diz que a Geografia cresce na periferia, é preciso “ousar”; “abrir novos campos” (MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2003). Esse é o impulso do GHUM, assim surgiu e com espírito de receber e acolher pesquisadores com temas mais diversos de investigação pela perspectiva da fenomenologia e geografia e, assim segue aprumado e amalgamado por princípios fundantes de experiências existenciais, a cada passo e pausa rumo à geografia voltada para o ser-humano – o humano-doser. Este é o desafio. Esta é a projeção. Com vigor e jovialidade de quando “inaugurou” a perspectiva fenomenológica.

Com o mesmo enlevo de 2010, lá vai o menino...

O canto desse menino
talvez tenha sido em vão.
Mas ele fez o que pôde.
Fez sobretudo o que sempre
lhe mandava o coração.

(MELLO, 1965) 

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988a.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.
- BACHELARD, G. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Trad. J. Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- BARROS, M. de. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- DARDEL, E. **L'homme et la terre – Nature de la réalité géographique**. Paris: PUF, 1952.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GRATÃO, L. H. B. **A Poética d' "O RIO" – ARAGUAIA! De Cheias...&... Vazantes... (À) Luz da Imaginação!** Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH, USP, São Paulo, 2002.
- GRATÃO, L. H. B. Aprofundando o telúrico nos devaneios do repouso para encontrar a casa. I Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. **Anais...** Niterói, 2010. p.8.
- GRATÃO, L. H. B. Tributo de Bachelard – encantação (poética) da terra. II Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. **Anais...** Niterói, 2011. p. 19.
- GRATÃO, L. H. B. Geografia e Geopoética: contribuição de Kenneth White para a compreensão da poética e da estética do mundo. III Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. **Anais...** Niterói, 2012. p. 17.

Geografia e arte: encontros e atravessamentos poéticos

Lúcia Helena Batista Gratão

GRATÃO, L. H. B. Sabor & Paisagem à Luz de Bachelard: convite para sentar-se à mesa. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 30-41, 2012.

GRATÃO, L. H. B. Caminhando com Kenneth White pelo campo da geografia em vista de uma poética do mundo. IV Seminário de Trabalho do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural. **Anais...** Niterói, 2013. p. 13.

GRATÃO, L. H. B. Sabor e paisagem – o que revela o pequi nesta imbricação de ser e essência cultural. **Geograficidade**, v. 4, p. 4-15, 2014.

GRATÃO, L. H. B. O direito de sonhar em geografia: projeção bachelardiana. **Rev. abordagem gestalt**, v. 22, n. 2, p. 148-155, 2016.

GRATÃO, L. H. B. Ao voo da imaginação – o enlevo de sonhar e o prazer de ensinar e aprender à luz de Bachelard. **Itinerarius Reflections**, v. 14, n. 2, p. 1-21, 2018.

GRATÃO, L. H. B.; MARANDOLA JR., E. Sabor da, na e para Geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 26, n. 51, p. 59-74, jan./jun. 2011.

MARANDOLA JR., E. e GRATÃO, L. H. B. Do sonho à memória: Lívia de Oliveira e a geografia humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina, v. 12, n. 2, p. 5-19, jul/dez 2003.

MARANDOLA JR., E. J.; GRATÃO, L. H. B. (Orgs). **Geografia & Literatura** – ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EdUEL, 2010.

MELLO, T. de. Cantiga quase de roda. In: MELLO, T. **Faz escuro mas eu canto**. São Paulo: Global, 1965.

ONFRAY, M. **Teoria da viagem**: poética da geografia. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores ambientais. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores ambientais. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: EdUEL, 2012.

Submetido em Fevereiro de 2020.

Aceito em Março de 2020.